

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO  
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos  
são os que trabalham; mas  
embora fossem muitos, Portugal  
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

# Rocha Peixoto e a Arqueologia

por D. DE PINHO BRANDÃO

Rocha Peixoto, cujo centenário do nascimento (18 de Maio de 1866) passa no ano corrente, e se tem celebrado condignamente <sup>(1)</sup>, é grande sobretudo como etnógrafo. O seu mérito como arqueólogo não iguala o do etnógrafo. Todavia, mesmo no domínio da arqueologia, desenvolveu entre nós uma acção notável e ocupa lugar de relevo.

Uma justa apreciação do seu valor no campo da arqueologia há-de aferir-se dos estudos, notícias e críticas que publicou, das iniciativas que empreendeu e da obra que realizou no âmbito daquela ciência, tendo-se em consideração o estado de tais estudos, entre nós, no período em que viveu.

\*

Rocha Peixoto, de nome completo António Augusto da Rocha Peixoto, nasceu na Póvoa de Varzim aos 18 de Maio de 1886.

---

(1) De destacar a série de comemorações que a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, terra da naturalidade de Rocha Peixoto, decidiu promover. (Ver o folheto «Câmara Municipal da Póvoa de Varzim» — *Comemorações do I Centenário do nascimento de Rocha Peixoto, 1866-1966*, tip. da Editora Poveira, 21-12-65, com o programa das comemorações). De destacar o *Colóquio internacional de estudos etnográficos Rocha Peixoto* realizado na Póvoa de Varzim de 25 a 30 de Outubro de 1966 (Ver o programa do Colóquio publicado: «Colóquio internacional de estudos etnográficos Rocha Peixoto» — Póvoa de Varzim, 1966).

A *Comissão Municipal de Turismo* de Barcelos, para comemorar a passagem do centenário, instituiu o prémio extraordinário «Rocha Peixoto», destinado a galardoar um trabalho sobre cerâmica popular portuguesa, publicado de 1 de Janeiro de 1965 a 31 de Julho de 1966. Na cidade do Porto, a Biblioteca Municipal realizou uma exposição bibliográfica dos estudos do ilustre Sábio Poveiro; o Ateneu Comercial promoveu uma conferência evocativa da figura e obra de Rocha Peixoto, feita pelo Dr. Flávio Gonçalves (24 de Maio de 1966), e no Museu de Etnografia e História realizou-se uma sessão de estudos de que foi relator o mesmo Dr. Flávio Gonçalves (1 de Agosto de 1966).

Morreu em Matosinhos, com quarenta e três anos incompletos, no dia 2 de Maio de 1909. A sua actividade intelectual situa-se, pois, nos fins do século passado e princípios do século XX <sup>(2)</sup>.

Em Portugal, a partir dos meados do século XIX, surgiu uma plêiade numerosa de nomes que se notabilizaram no campo da geologia e da antropologia, e também no da arqueologia. Acontece, porém, que consideravam a arqueologia na pendência daquelas duas ciências, estudando-a em função delas. É a fase dos geólogos e antropólogos, de que é justo salientar Carlos Ribeiro, Pereira da Costa, Nery Delgado e Francisco Paula e Oliveira. Teve importância relevante no movimento a criação da «Comissão Geológica» (1757), mais tarde chamada «Serviços Geológicos de Portugal», cuja acção benemérita se estende até os nossos dias <sup>(3)</sup>. No domínio da arqueologia, as atenções voltaram-se de preferência para a pré-história. Com os nomes citados e outros, os estudos, nos referidos campos, atingiram em Portugal um interesse tal que chamaram a atenção dos especialistas estrangeiros <sup>(4)</sup>.

Na parte final do século XIX, continuando embora o prestígio da escola anterior, desenvolve-se entre nós, de par e preferentemente, uma nova orientação no estudo da arqueologia. É a fase etnológico-arqueológica. Nomes cimeiros deste movimento: Martins Sarmiento, Estácio da Veiga, Santos Rocha e Leite de Vasconcelos. Inserem-se substancialmente nesta orientação os *Rapazes* da Sociedade Carlos Ribeiro e da sua «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes», e os *Homens* da «Portugalia», importantes revistas portuenses de que adiante se falará <sup>(5)</sup>. Dão-se mãos a arqueológico que surge no meio intelectual portuense e português António

<sup>(2)</sup> Para pormenores da vida e actividade de Rocha Peixoto, ver Flávio Gonçalves, *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centenário do seu nascimento*. (Separata do «Boletim Cultural. Póvoa de Varzim», vol. IV, n.º 2), Póvoa de Varzim, 1965).

<sup>(3)</sup> No campo da antropologia, salientou-se, mais tarde, Mendes Correia, professor da Universidade do Porto e, depois, Director da *Escola Superior Colonial*, hoje *Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina*.

<sup>(4)</sup> Assim, foi em Lisboa que se realizou, em 1880, o célebre Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica.

<sup>(5)</sup> Por serem jovens, os cinco fundadores da *Sociedade Carlos Ribeiro* a si mesmos se chamam «rapazes». Ver Rocha Peixoto, *A Sociedade Carlos Ribeiro. Nota histórica*, in «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes», vol. V, n.º 20.

Augusto da Rocha Peixoto, «rapaz» da *Sociedade Carlos Ribeiro* e «homem» da *Portugalia*.

\*

Intitula-se «A iniciativa individual na Archeologia» o primeiro artigo desenvolvido que publicou em defesa dos valores arqueológicos e exaltação da iniciativa individual de alguns Arqueólogos portugueses.

Apareceu na «Revista de Portugal», no seu número de Fevereiro de 1892 <sup>(6)</sup>. Rocha Peixoto, secretário da redacção dessa revista, não completara ainda 26 anos. Cheio de vida e de esperança, e crente nos valores da cultura e da ciência, salienta o sacrificio, esforço e mérito dos arqueólogos portugueses que, por iniciativa particular, tanto fizeram no domínio da arqueologia. Refere-se, especial e desenvolvidamente, à actividade de Estácio da Veiga, Martins Sarmiento e Santos Rocha, sem esquecer a contribuição de Borges de Figueiredo, Fonseca Cardoso, Gabriel Pereira, Henriques Pinheiro, J. da Silva, José Caldas, Leite de Vasconcelos, Ricardo Severo, Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Paula de Oliveira e outros; proclama a necessidade do conhecimento da arqueologia, e, portanto, da extensão deste ramo de saber; fala da importância dos museus da especialidade; e lamenta «o desamparo dos governos e das corporações administrativas» e a «mudez das escolas e o desdem do público».

Em *O Primeiro de Janeiro* de 13 e 27 de Abril de 1893, sob a epígrafe «Antiguidades Nacionaes», desenvolve as mesmas ideias. Escreve a propósito: — «A arqueologia do Algarve e do Minho e a do Concelho da Figueira, obra respectivamente de Estácio da Veiga, de Martins Sarmiento e de Santos Rocha, foi estudada e descrita com a individuação que não logrou a dos outros lugares, mercê do accaso feliz que fez nascer nas tres regiões essss tres homens para quem o paiz reserva o melhor do seu desdem ingrato» (13 de Abril). E ainda: «O trabalho individual e espontâneo é desconhecido, ou depreciado, ou atacado occultamente com rudeza» (13 de Abril) <sup>(7)</sup>.

A importância e mérito da iniciativa particular nas *explorações* arqueológicas, entre nós, à falta da iniciativa das autoridades, é

<sup>(6)</sup> *Revista de Portugal*, vol. IV, págs. 350-370.

<sup>(7)</sup> Os dois artigos foram parcialmente transcritos em «A Terra Portuguesa (Crónicas científicas)», cap.º IV — *Antiguidades Nacionaes* (27-4-1893), págs. 274-293, (Lisboa, 1897).

assunto que retoma na notícia «Escavações archeologicas» publicada na revista «Portugalia» (8).

Além da actividade da *Comissão das Trabalhos Geológicas*, «e fora da sua benéfica alçada, da sua tradição excelsa, e do seu perdurável exemplo, escreve Rocha Peixoto, só na iniciativa individual encontramos os impulsos de mais relevante destaque» (9). Refere-se «à inesquecível e generosa figura de Martins Sarmiento, com as nunca demais celebradas explorações de Sabroso e de Briteiros, as suas minuciosas e incontestáveis romagens por Entre o Douro e Minho, a fundação do Museu de Guimarães, em grande parte sua exclusiva obra, as publicações realizadas à sua custa e larga e benèritamente distribuidas, a compra de monumentos, os subsídios a outros exploradores, a colheita tão prodigamente hospitaleira a todos os que lhe procuravam luzes e serviços» (10); e a Santos Rocha que «explorando com uma individuação sem precedentes a bacia do Mondego e certas regiões da Beira Alta e da Extremadura, investigando periódicamente no Algarve, creando, organizando, mobilando e conservando a prestante e notavel instituição que é já o Museu municipal da Figueira, congregando n'uma Sociedade todas as aptidões indecisas da cidade em que habita, publicando à sua custa e gratuitamente distribuindo as suas obras extensas e magnificamente illustradas, completa, com uma exploração modelar, ininterrupta, minudenciosa e carissima do famoso Castro de Santa Olaia o seu inultrapassável affan de archeologo militante» (11). E conclui. «Sem menospreço por aquelles que não conseguem ou não podem attingir a obra, a fadiga e o dispendio exorbitantes d'estas duas individualidades excepcionaes, é necessario inscrever de modo inapagavel, para hoje e para o futuro, a sua proeminencia na archeologia portuguesa, como sabios e como delapidadores dos bens próprios em homenagem à sua pátria» (12).

Pelo tom e sinceridade com que escreve, bem podemos avaliar o carinho, interesse e apreço que Rocha Peixoto consagrava à archeologia e aos seus obreiros sacrificados, e a tristeza e mágoa, não sem uma ponta de revolta e crítica azeda, que sentia ao presenciar a incúria das autoridades responsáveis. Servir a archeologia era para ele servir a causa da Pátria.

Na última notícia que publicou sobre assuntos archeológicos

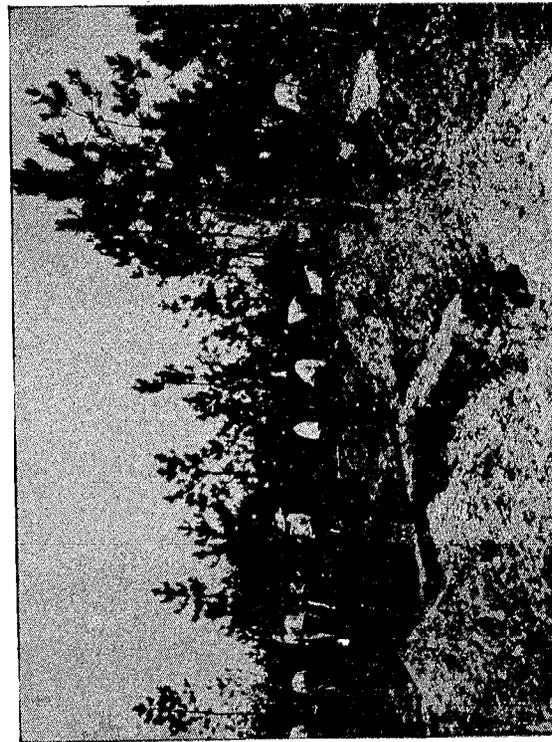
(8) *Excavações archeologicas*, in *Portugalia*, vol. II, págs. 122-123.

(9) *Loc. cit.*, pág. 123.

(10) *Ibidem*.

(11) *Ibidem*.

(12) *Loc. cit.*, pág. 123.



As escavações realizadas, em 1907, na Cividade de Terroso. Fotografia reproduzida por Rocha Peixoto na sua notícia sobre «As explorações da Cividade de Terroso e do Castro de Laundos, no concelho da Povoa de Varzim», publicada na *Portugalia* em 1908.

— que é também a última notícia da *Portugalia* <sup>(13)</sup> tece ainda um hino de exaltação e louvor a um grupo de beneméritos que, pelo dinheiro e assistência, tornaram possíveis as escavações na Cividade de Terroso e no Castro de Laundos: Santos Graça, Dr. David Alves, Gonçalo Artur Cruz, José Calheiros e P.<sup>c</sup> António Gomes Ferreira (pároco de Terroso) <sup>(14)</sup>.

No elogio feito, palpa-se visivelmente o amor que tal ciência lhe merecia.

\*

Mas Rocha Peixoto não se quedou, apenas, em palavras de louvor. Naturalista e etnógrafo, foi também arqueólogo «agindo» e «escrevendo».

Já nos referimos às explorações de Terroso e Laundos. Sobre elas escreveu o ilustre Cientista: «A *Portugalia* memora, ao encerrar-se o presente volume, um dos factos culminantes para a História da Archeologia entre nós. Trata-se da vasta exploração de toda a acropole da cividade de Terroso e ainda d'algumas suas dependencias, em duas campanhas sucessivas, cada uma de alguns mezes, nos annos de 1906 e 1907; e bem assim, n'est ultima data, a d'uma grande parte do proximo monte ou castro de S. Félix em Laundos. Ambas as estancias demoram no concelho da Póvoa de Varzim, recentemente bem digno de reparo pelos interessantes subsidios archeologicos que vem fornecendo à Sciencia».

Isto escreveu no início do referido artigo, e conclui dizendo que na direcção científica das escavações «foram investidos dois redactores da *Portugalia*: o sr. Conselheiro dr. José Fortes e o Conservador do Museu Municipal do Porto» <sup>(15)</sup>. Sob estas últimas palavras encobre Rocha Peixoto o seu nome. Foi, pois, ao lado de José Fortes, orientador das escavações referidas.

Que eu saiba, não chegou a publicar-se a *Memória* que na mencionada notícia prometia escrever, de colaboração com José Fortes, sobre as escavações. Sobreveio-lhe cedo a morte. Escreveu apenas a breve notícia da *Portugalia*.

<sup>(13)</sup> Depois desta notícia a revista fecha com umas breves secções necrológica e bibliográfica.

<sup>(14)</sup> *Portugalia*, vol. II, págs. 677-680. A notícia tem por titulo *Beneméritos da Archeologia*, e por sub-titulo *As explorações da Cividade de Terroso e do Castro de Laundos, no concelho da Póvoa de Varzim*.

<sup>(15)</sup> *Portugalia*, vol. II, págs. 577 e 580.

A par de longos e importantíssimos artigos que publicou sobre temas etnográficos e de carácter etnológico, escreveu também alguns de carácter arqueológico. Anote-se, porém, que estes últimos não possuem nem a extensão, nem a densidade, nem a importância dos primeiros <sup>(16)</sup>.

Além da notícia já referida sobre Terroso e Laundos, enumeramos, com um breve comentário, os seguintes artigos sobre assuntos arqueológicos do ilustre Cientista, todos eles publicados na revista *Portugalia*:

**A PEDRA DOS NAMORADOS.** É um pequeno artigo, datado de Maio de 1903, em que descreve a chamada *pedra dos namorados*, monumento proveniente de S. Silvestre da Ermida, Serra Amarela, hoje no Museu Soares dos Reis, do Porto. «Esta *Pedra dos Namorados*, conclui, partilha, com as estatuas dos guerreiros lusitanos e outra escultura esparsa de algumas nossas estações proto-historicas, o mesmo caracter d'uma arte rudimentar que, de resto, é comum aos povos de genio ou dotado ou rebelde a outras e mais altas aspirações estheticas. Todavia pela forma, pelo destino e pela intenção representada constitue um documento de viva curiosidade e indefectivel interesse para a archeologia nacional» <sup>(17)</sup>. As numerosas citações e referências deste artigo mostram que o Autor está perfeitamente a par da melhor bibliografia publicada em Portugal e no Estrangeiro, atinente às observações que vai tecendo a propósito do monumento.

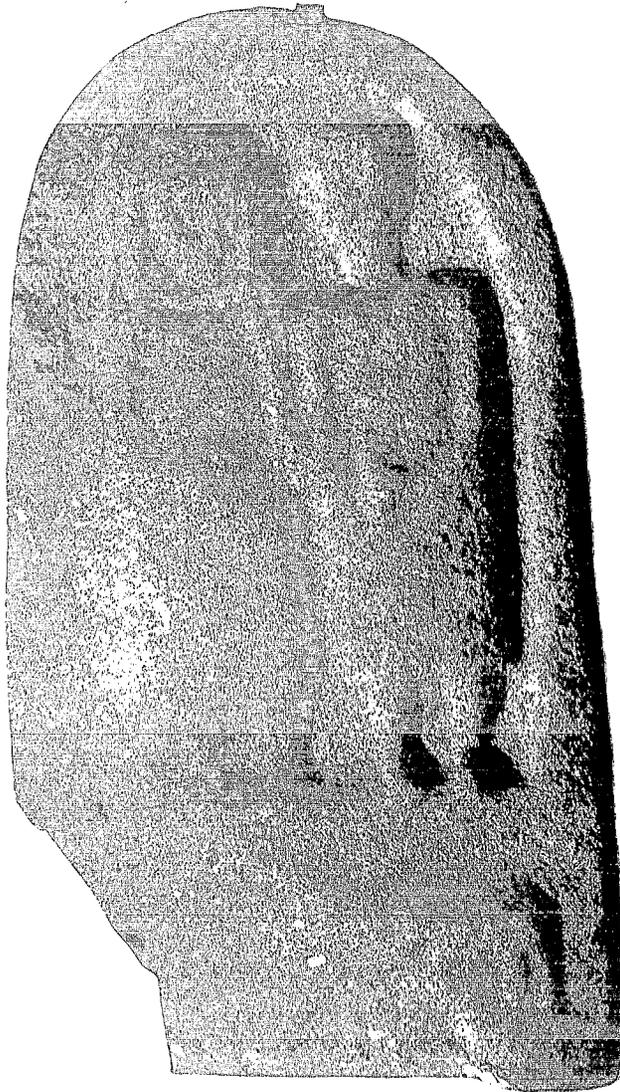
**O BASTO.** Breve nota sobre a estátua do guerreiro galaico-lusitano de Refojos de Basto. O texto occuparia pouco mais de uma página da revista. Com uma pequena illustração e as numerosas anotações, o artigo preenche duas. Com o anterior, está muito documentado este artigo <sup>(18)</sup>.

**DO EMPREGO AINDA RECENTE D'UMA MÓ MANUAL.** Este estudo, um pouco mais longo que os anteriores, interessa simultâneamente à archeologia e à ethnografia. Datado de

<sup>(16)</sup> Dos artigos de carácter etnológico destacamos *A tatuagem em Portugal* (Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, vol. II, págs. 97-111 e 145-157, e em *Separata*, Porto, 1892). *Os Palheiros em Portugal* (*Portugalia*, vol. I, págs. 79-96), *As Otarias do Prado* (*Portugalia*, vol. I, n.º 2, págs. 227-270), *Iluminação Popular* (*Portugalia*, vol. II, págs. 35-48), *Tabulae votivae* (*Ibid.*, págs. 187-112), *Os Cata-ventos* (*Ibid.*, págs. 439-448), e *As Filigranas* (*Ibid.*, págs. 540-579).

<sup>(17)</sup> In *Portugalia*, vol. I, págs. 807-809.

<sup>(18)</sup> In *Portugalia*, vol. I, págs. 832-833.



A *Pedra dos Namorados* — monumento estudado por Rocha Peixoto, em 1903, na *Portugalia*.

Março de 1903, é um belo exemplo de aproximação e confronto do uso da «mó manual» no presente e no passado. Rocha Peixoto não é um arqueógrafo. Não se limita a descrever as peças. Vai mais longe. Alia a etnografia e a arqueologia. Com a descrição e estudo do uso recente das mós manuais em diversas localidades, conduz-nos a uma melhor compreensão do sistema de «moagem» no passado <sup>(19)</sup>.

**PRISÕES DE GADO.** A breve nota sobre prisões de gado denuncia a mesma preocupação da nota anterior. Nas prisões de gado em uso nas povoações de Matosinhos, Alhões e noutras dos concelhos de Moncorvo, Freixo e limitrofes, vê o destino dos «accessórios construtivos» hoje chamados vulgarmente «prisões de gado», tão frequentes nos nossos castros, e a confirmação da hipótese de Martins Sarmento. Tinha escrito o eminente arqueólogo vimaramense que na Citânia de Briteiros «se encontram muitas vezes, embutidas nas paredes, argolas de pedra onde se amarrava o que quer que seja, podendo muito bem esta parte do edifício ter servido para guarda de animaes». Comenta Rocha Peixoto: «Ve-se pois que Martins Sarmento, ainda em qualquer minúsculo pormenor, denunciava sempre a sua penetração admirável». Observe-se que Rocha Peixoto mantinha por Martins Sarmento uma veneração quasi sagrada <sup>(20)</sup>.

**SOBREVIVÊNCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL.** O próprio título denuncia o fio condutor do artigo. Etnógrafo e arqueólogo, Rocha Peixoto, descreve o funcionamento da roda de oleiro em diversas localidades portuguesas, relacionando-a com a «roda primitiva, já figurada nas necrópoles de Thebas e de Memphis, ulteriormente adoptada na Ásia Menor e na Grecia e bem plausivente a descripta na *Illiada*» <sup>(21)</sup>.

**UMA ORNAMENTAÇÃO CERÂMICA ACTUAL DE CARÁCTER ARCHAICO.** Também a epígrafe indica o conteúdo e propósito do artigo. Refere-se o ilustre Redactor da *Portugalia* à cerâmica de Guimarães e, depois de descrever uma das formas mais vulgares (bilhas de prendas) que denuncia uma «galba archaica», continua: «Na vasilha vimaramense as depressões dígitaes no rebordo, de applicação tam primitiva e ainda tam fre-

<sup>(19)</sup> In *Portugalia*, vol. I, págs. 828-831.

<sup>(20)</sup> In *Portugalia*, vol. II, págs. 78-79.

<sup>(21)</sup> In *Portugalia*, vol. II, págs. 74-78. Este artigo está datado: Porto, Maio de 1903.

quentes n'outras loiças ruraes, e bem assim os refêgos ou canneluras verticaes da gola, por equal de uso já proto-histórico, associam-se com outras particularidades de ornamentação incisa em que as linhas interrompidas, os losangos, as curvas e as combinações de todos estes elementos logo suggerem os longinquos enfeites das loiças neolithicas e de certas da idade do bronze. Os accessorios relevados onde dominam principalmente rosaceas, breve lembram os ornamentos similares exhibidos na ceramica gallo-romana, principalmente nos vasos moldados e depois, a partir do século III, obtidos em moldes proprios e applicados a seguir sobre o vasilhame levemente secco. Por fim a applicação da conteira é outro recurso legado, sequer, pelas loiças do convencional typo de Arezzo.

De toda esta variedade de pormenores decorativos sobresahe, todavia, a adopção d'uma substancia estranha á argilla para, com o seu brilho, realçar d'onde a onde, em zonas ou relêvos symetricos, a côr mate e quasi neutra da pasta fundamental da vasilha. É o emprego da moscowite, recurso tam ingenuo como barbaro, muito conhecido nas loiças dos castros pela mistura das lamellas á pasta, mas, na loiçaria vimaranense, applicadas directamente sobre os ornamentos do hydrocerame já edificado. Analogamente, na idade do ferro, as urnas da necropole de Golasecca apresentavam nos cavados da sua ornamentação em dentes de serra uma especie de esmalte branco; outra calote ceramica da necropole de Valtravaglia exhibia estrias com o aspecto da prata, produzidas visivelmente por meio do chumbo ou do estanho; e com este metal é também sabido que se ornava vasilhame desde os tempos prehistoricos até aos alvôres da historia» <sup>(22)</sup>.

Basta a transcrição para apreciarmos a cultura de Rocha Peixoto em assuntos de arqueologia e a sua preocupação de encontrar as fundas raizes do passado em certas manifestações do presente.

○ **HOMEM DA MAÇA.** Trata-se de uma breve noticia sobre a estátua e o animal (leão) de Santa Cruz do Bispo (Matosinhos).

○ grupo escultórico representa Hércules. O Autor não se fixa nesta significação <sup>(23)</sup>. Descreve as duas peças e comenta a seguir: «Há a notar, todavia, (...) os vestígios muito attenuados d'um culto remoto, porventura até litholátrico. Effectivamente, quando em fevereiro tem lugar a romaria a S. Braz, as rapariças



Bilha de Guimarães reproduzida por Rocha Peixoto no seu artigo «Uma ornamentação ceramica actual de caracter archaico», publicado em 1906 na *Portugalia*.

<sup>(22)</sup> In *Portugalia*, vol. II, págs. 270-272. Artigo datado. Porto, Janeiro, 1906.

<sup>(23)</sup> Sugere mesmo que não significará tal divindade: «A verdade é que a estatua, objecto de *phantasias* que veem n'ella desde um Hercules a um S. Christovão ...».

enfeitam o «homem da maça» com grinaldas de flores no pescoço e na cabeça abraçando-o depois durante a festa ao orago e rogando-lhe que as case depressa». E, em atitude tão caro ao etnógrafo, logo passa a falar dos «penedos dos casamentos» e de algumas sobrevivências do antigo culto das pedras <sup>(24)</sup>.

A esta série de pequenos artigos recheados de notas com indicação de copiosa bibliografia, todos escritos nas secções *varia e notícias* da «Portugalia» e em que se dão as mãos o etnógrafo e o arqueólogo, podemos juntar ainda O PENEDO DE SANTA COMBA DÃO, de Vila Fonche (Arcos de Valdevez), nótula sobre «um bloco de granito, n'uma das faces do qual, e ainda ruperiormente, se veem cavidades de várias dimensões e em número», «practicadas com intenção», e que «é um d'esses monumentos pre ou proto-historicos de sentido religioso, bastante obscuro, de resto, e provavelmente contemporaneo dos primitivos habitantes do castro fronteiro» <sup>(25)</sup>; SEPULTURAS ABERTAS EM ROCHA, uma série de nótulas referentes a alguns monumentos de inhumação inéditos ou pouco conhecidos», «como materiaes para um inventario de antiguidades e ainda porque alguns d'estes despojos archeologico estão destinados a desaparecerem». <sup>(26)</sup> e A CIDADADE DE RIODOURO, notícia sobre a estação arqueológica e algum espólio da mesma <sup>(27)</sup>.

Embora de carácter etnográfico o estudo sobre AS FILIGRANAS pode com justiça mencionar-se no elenco dos trabalhos archeologicos do Autor, tal o acerbo de conhecimentos que revela e expõe, na primeira parte do artigo, sobre a arte da ourivesaria na Antiguidade e a nossa Joalharia preromana e posterior. Este artigo define claramente a pendência de Rocha Peixoto nos estudos etnográficos: — procurar as raizes longínquas dos factos e realidades actuais, isto é, iluminar o presente com o passado <sup>(28)</sup>.

Dentro da actividade *escrita* de Rocha Peixoto sobre assuntos archeológicos cabem ainda a nótula *Comissão Archeologica do Porto* <sup>(29)</sup>, e as criticas a livros da especialidade. Das últimas destacamos as que fez aos seguintes estudos: *L'Anthropologie et la Préhistoire en Espagne et en Portugal en 1897* e *Annuarios de*

<sup>(24)</sup> In *Portugalia*, vol. II, págs. 276-277.

<sup>(25)</sup> In *Portugalia*, vol. I, pág. 332.

<sup>(26)</sup> In *Portugalia*, vol. II, págs. 287-288.

<sup>(27)</sup> In *Portugalia*, vol. II, pág. 284.

<sup>(28)</sup> In *Portuga.u.*, vol. I, págs. 540-570. Artigo datado, «Porto, Janeiro, 1908».

<sup>(29)</sup> In *Portugalia*, vol. I, págs. 159-160.

*bibliografia antropologica de España y Portugal*, de Luis de Hoyos Sáinz <sup>(30)</sup>, *O dolmen da Barrosa*, de Mesquita de Carvalho <sup>(31)</sup>, *Restos de uma villa lusitano-romano (Póvoa de Varzim)*, de José Fortes <sup>(32)</sup>, e *Les éolithes du Portugal*, de José Fortes <sup>(33)</sup>.

\*

O perfil de Rocha Peixoto, como arqueólogo, ficaria incompleto se não considerássemos a actividade por ele desenvolvida no *Museu Municipal do Porto* e o seu contributo fundamental para a criação e conservação da *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes* e da importantíssima revista *Portugalia*.

Em meados de 1900 entrou Rocha Peixoto para o *Museu Municipal do Porto*, como Conservador. Aí se conservou até à morte. Foi extraordinária a obra que realizou. Não cabe descreve-la neste lugar, já que nos atemos ao aspecto archeológico. Flávio Gonçalves compendia a sua acção dentro do Museu, no campo da archeologia, do modo seguinte: «Com as verbas, aliás modestas, concedidas ao Museu, comprou valiosas espécies de archeologia, procuradas com diligência, regateadas, conquistadas — o que, ao lado dos artigos que publicou na *Portugalia* e das explorações que fomentou, eloquentemente demonstra o seu interesse pelas reliquias archeológicas. Todavia, conseguiu também numerosas peças de outros géneros. Entre as aquisições que, por compra ou oferta, fez para o Museu, contaram-se as joias proto-históricas de Laundos e da Estela, lápides epigráficas, cerâmicas e objectos luso-romanos, moedas, machados de Bronze (...) que o *Museu Nacional de Soares dos Reis* guarda ainda, na maior parte dos casos» <sup>(34)</sup>.

Com as palavras do biógrafo de Rocha Peixoto encerramos esta alínea <sup>(35)</sup>.

<sup>(30)</sup> In *Portugalia*, vol. I, págs. 175-176.

<sup>(31)</sup> *Ibidem*, pág. 426.

<sup>(32)</sup> In *Portugalia*, vol. II, pág. 291.

<sup>(33)</sup> *Ibidem*, pág. 292.

<sup>(34)</sup> Flávio Gonçalves, *Rocha Peixoto*, ob. cit., págs. 50-51. Sobre a actividade, em geral, do operoso Conservador, ver págs. 42 a 54.

<sup>(35)</sup> Para além do que Rocha Peixoto publicou sobre o *Museu Municipal do Porto*, conhecemos dois breves artigos que escreveu sobre museus: um sobre *O Museu episcopal de Bragança (Portugalia)*, vol. II, pág. 120), outro sobre *Museus episcopales (Ibidem)*, págs. 120-122). Neste último refere-se a Bispos portugueses e espanhóis que fundaram museus nas suas dioceses.



Busto em gesso de Rocha Peixoto, da autoria de José Pereira dos Santos, e datado de 1930, que se encontra no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto).

A causa da Arqueologia, entre nós, ficou a dever muitíssimo a Rocha Peixoto pelas revistas de que foi a alma.

Em 1887 um grupo de *Rapazes* fundou no Porto a Sociedade Carlos Ribeiro, cujos estatutos foram aprovados pelo Governo Civil a 2 de Agosto de 1888.

Chamavam-se esses *Rapazes* Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso João Barreira, Ricardo Severo e Xavier Pinheiro. Cedo se lhes juntaram alguns intelectuais portuenses <sup>(56)</sup>.

Ao evocar a Sociedade, escreveu Rocha Peixoto, em 1898: «Foi sempre de rapazes ou dominou, na sua acção, o espirito moço, o gremio, primitivamente de cinco, que, em Julho de 1887, n'umas calidas e apprehensivas vesperas de actos, delineou os traços geraes d'uma *Norma provisória* e regulamentadora da SOCIEDADE que se collocava entusiasticamente sob a egide memoravel e perduravel do geologo Carlos Ribeiro. Reunimo-nos os cinco, em casa d'um, ao Moinho de Vento — Fonseca Cardoso, João Barreira, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, e Xavier Pinheiro — e já por essas manhãs quentes da estação e da idade retalhavamos o paiz em zonas de estudo, distribuiamos entre nós e os que se esperavam as especialidades mais urgentes, fixamos bases de reformas de institutos, creio mesmo que projectamos congressos scientificos.

O mais velho de nós deveria ter attingido então os vinte annos» <sup>(57)</sup>.

Pouco depois lança a Sociedade, como seu orgão, a *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, sob a direcção de Rocha Peixoto e Ricardo Severo <sup>(58)</sup>.

Tiveram vida efémera a Sociedade e a revista. Em 1898 dissolveu-se o grupo; acabou-se a revista, de que Rocha Peixoto «sempre na brecha» fora alma e coração. Acabou a revista... mas ficaram os cinco volumes com um rasto de luz, em diversos sectores da ciência e também no da arqueologia. Aí deixaram preciosa colaboração sob temas arqueológicos Martins Sarmentos Santos Rocha, Ricardo Severo, Fonseca Cardoso e Figueiredo da Guerra <sup>(59)</sup>.

Mais importante é a revista *Portugalia*, começada a publicar

<sup>(56)</sup> Basilio Teles, Oliveira Alvarenga, António Arroio, António Nobre, Augusto Nobre e outros.

<sup>(57)</sup> A *Sociedade Carlos Ribeiro. Nótula histórica*, em «Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes» tomo V, pág. 178.

<sup>(58)</sup> A Direcção da Sociedade permanente e única foi assim constituída: Julio de Matos, presidente, Basilio Teles, vice-presidente, Rocha Presidente, secretário geral, e Ricardo Severo, tesoureiro.

<sup>(59)</sup> Ver Rocha Peixoto, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, in—«Portugalia», vol. I, pág. 176.

em 1899, e que bem pode considerar-se um marco na história da cultura portuense e portuguesa. Deve-se ao entusiasmo e paixão intelectual de Ricardo Severo (Director), Rocha Peixoto (Redactor em Chefe) e Fonseca Cardoso (Secretário), antigos *Rapazes* da Sociedade Carlos Sibeiro, a que se juntou, mais tarde, José Fortes (40). O sub-título — *Materiaes para o estudo do povo portuguez* — indica o pensamento dos fundadores.

Publicaram-se dois grossos volumes (1899 a 1908). Com a morte de Rocha Peixoto, seu principal animador, morreu também a revista. Nela colaboraram os nomes cimeiros da cultura portuguesa da época. Em assuntos de carácter arqueológico regista a importantíssima colaboração de Martins Sarmiento, Santos Rocha, Ricardo Severo, José Fortes, Fonseca Cardoso, Alberto Sampaio, Rocha Peixoto, Vieira da Natividade, P.º José Brenha, A. Pereira Lopo, José de Pinho, P.º Sousa Maia e outros, que nela deixaram preciosos materiais arqueológicos para o estudo do povo português.

Esse monumento imorredouro levantado à causa da história, arqueologia, etnografia e às ciências auxiliares e afins das mesmas, deve em grande parte, a sua vida e existência ao entusiasmo e trabalho de Rocha Peixoto. Por esse motivo, e por mais um título, ele é um dos grandes obreiros da arqueologia em Portugal.

\*

Rocha Peixoto desenvolveu uma actividade verdadeiramente extraordinária. Morreu jovem, com quarenta e três anos incompletos.

Não pôde executar o seu sonho. A pesar disso, realizou e deixou uma obra notabilíssima. Com os traços enunciados, que muito mais se poderiam ampliar, apenas se quis esboçar a acção que desenvolveu no domínio da arqueologia. Nos outros campos — e tantos são! — penas mais cuidadas dirão mais e melhor.

---

(40) A criação da *Portugalia* está na linha do pensamento que levava os *Rapazes* de 1887 a fundar a *Sociedade Carlos Ribeiro*, e, depois, a revista da Sociedade. Ricardo Severo que tinha ido ao Brasil e havia regressado «concertou com os dois queridos amigos Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso a substituição daquela publicação (*Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*) por outra que, sob todos os aspectos, se impusesse ao mundo culto e redimisse Portugal da gélida — se não desprezível — indiferença que então lhe inspirava nos domínios da intelectualidade e do saber. Retomavam assim o sonho de rapazes para erger um monumento de investigação e análise sobre as origens da Nação» (Manuel Monteiro—*Portugalia* in «*O Tripeiro*», V Série, ano V Porto, 1949, pág. 151. Ver também Flávio Gonçalves. *Rocha Peixoto*, ob. cit., pág. 19).